

103 - CONTRIBUIÇÕES DA ETNOGRAFIA PARA O TRABALHO NA SALA DE AULA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –

Márcio Adriano de Paula (Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília) - map@marilia.unesp.br

Introdução: Nossas indagações surgem a partir de uma experiência inicial como professor numa sala de aula do PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos), a partir do projeto “A formação do Educador de Jovens” e Adultos do “Núcleo de Ensino de Marília”. De acordo com a proposta de ser professor em EJA (Educação de Jovens e Adultos) nos deparamos com a delicadeza que envolve esse trabalho: Jovens e Adultos oriundos da classe trabalhadora que, apesar do conhecimento adquirido ao longo de suas vidas, sentem a necessidade de entrar em contato com alguns conteúdos ensinados nas escolas, tentando superar os seus limites sociais. Diante deste cenário, a idéia norteadora do PEJA propõe que os conteúdos escolares estejam relacionados aos saberes trazidos pelos alunos e, também, conectados ao seu cotidiano. Desse modo, buscamos na teoria antropológica, mais especificamente, na etnografia elementos para um melhor desenvolvimento das aulas.

Objetivos: Visamos discutir a condição de ser professor em EJA, procurando fazer uma comparação com a postura de um pesquisador que se propõe a realizar um trabalho etnográfico. Para tanto, lançamos as seguintes questões: 1) como o professor sabe que tem acesso ao saber que o aluno porta em sala de aula?, 2) os resultados de uma pesquisa etnográfica podem oferecer elementos que auxiliem o professor do PEJA nesta proposta pedagógica? Elas conduzem a uma investigação.

Métodos: As aulas são ministradas três vezes por semana, sendo duas horas por aula quando são realizadas observações através da metodologia de pesquisa da antropologia. Nela, estão presentes duas exigências que orientam a conduta do pesquisador e são adequadas para atender às perguntas acima. Primeira, a obrigatoriedade de levar em consideração as pré-noções daqueles a quem se deseja conhecer (no caso, ensinar). Segunda, a obrigatoriedade de pensar estas pré-noções enquanto efeitos de uma aprendizagem. Estes dois preceitos aspiram uma desnaturalização. Com ela, gestos, formas de comunicação e pensamento passam a ser vistos como aprendidos e não como inerentes ao grupo (os alunos não nasceram com dificuldades e possuem habilidades não imediatamente apreendidas pelo professor). Aquilo que antes era percebido e verbalizado como natural deixa de sê-lo. Isto abre a possibilidade para o professor conhecer a existência de outros modos de perceber, falar, raciocinar e conviver.

Resultados: A etnografia apresenta-se como uma ferramenta de alta significância para o trabalho como professor do PEJA. A desnaturalização permite o trânsito ao saber do aluno no interior da sala de aula. Além disso, esta investigação vem abrindo espaço para discutir os limites entre ser professor e ser pesquisador ou ainda, se é possível esta demarcação.